

Consciência sociolinguística: uma revisão do conceito com base em estudos brasileiros e estrangeiros

Sociolinguistic awareness: a review of the concept based on Brazilian
and foreign studies

Andréa Ualt¹
Isabella Mozzillo²
Bernardo Limberger³

Resumo: Investigações emergentes sobre consciência sociolinguística têm contribuído para desvelar os mecanismos que incidem sobre a associação de determinados significados sociais aos fatos da língua, bem como contribuído para melhor compreender os processos constitutivos da identidade linguística dos falantes. Diante disso, este trabalho tem como objetivo principal analisar o conceito de consciência sociolinguística, a partir de nove artigos publicados em contexto nacional e internacional. Como caminho metodológico para atingir tal objetivo, escolhemos o da revisão teórica e descrição qualitativa dos estudos. A análise e reflexão sobre a noção de consciência sociolinguística, à luz dos referenciais teóricos de Oushiro (2021), Freitag (2020), McGowan e Babel (2019), Bijvoet e Fraurud (2016), Pearce (2015) entre outros, indicaram dois grandes domínios para a acepção do termo, o da percepção e o do discurso metalinguístico, bem como o uso de diferentes protocolos metodológicos que atendam às especificidades atinentes à cada domínio. Nesse sentido, conclui-se sobre a relevância de que mais pesquisas sobre a temática sejam realizadas e divulgadas.

Palavras-chave: consciência sociolinguística; percepção; avaliações linguísticas.

Abstract: Emerging investigations on sociolinguistic awareness have contributed to uncovering the mechanisms that affect the association of certain social meanings to the facts of the language, as well as contributing to a better understanding of the constitutive processes of speakers' linguistic identity. Therefore, the main objective of this work was to analyze the concept of sociolinguistic awareness, based on nine articles published in a national and international context. As a methodological way to achieve this objective, we chose the theoretical review and qualitative description of the studies. The analysis and reflection on the notion of sociolinguistic consciousness, in the light of the theoretical references of Oushiro (2021), Freitag (2020), McGowan and Babel (2019), Bijvoet and Fraurud (2016), Pearce (2015) among others, indicated two great domains for the meaning of the term, that of perception and metalinguistic discourse, as well as the use of different methodological

¹ Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, RS, Brasil. Endereço eletrônico: andreaualt@gmail.com.

² Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, RS, Brasil. Endereço eletrônico: isabellamozzillo@gmail.com.

³ Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, RS, Brasil. Endereço eletrônico: limberger.bernardo@gmail.com.

protocols that meet the specificities of each domain. In this sense, it is concluded that more research on the subject should be carried out and disseminated.

Keywords: sociolinguistic awareness; perception; language assessments.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar e discutir o conceito de consciência sociolinguística a partir da análise dos objetivos, referenciais teóricos, abordagens metodológicas e resultados de artigos acadêmicos publicados sobre o tema em contexto brasileiro e estrangeiro.

Os estudos sobre consciência sociolinguística são relativamente recentes e abordam o conceito desde diferentes áreas da Linguística, dentre elas, a Sociolinguística, a Psicolinguística, a Antropologia Linguística e uma nova área cujos estudos despontam no Brasil, a Linguística Folk⁴.

A esses diferentes campos científicos se interpõem questões bastante desafiadoras, dentre elas, a de conceituar o que seria *consciência sociolinguística*, considerando, por exemplo, os termos consciência e percepção. Nesse sentido, apresentamos duas perguntas sobre a problemática que podem contribuir para a análise e compreensão do conceito nos trabalhos selecionados:

A – Qual a acepção com que o termo *consciência sociolinguístico* é considerado nos diferentes campos científicos da linguagem?

B - Percepção e consciência sociolinguística são conceitos que se equivalem ou são processos cognitivamente diferenciados?

Essa discussão conceitual coloca a questão não só distante de um consenso, como também repercute nas escolhas metodológicas dos estudiosos. Dentre as repercussões que incidem sobre a problemática metodológica, McGowan e Babel (2019, p. 231) apontam a dificuldade em poder identificar se os pesquisadores de áreas distintas estão significando da mesma forma o conceito de consciência sociolinguística quando o fazem pelo viés da percepção ou sob uma ótica discursiva. Para tanto, os autores levaram em consideração a divergência observada entre os resultados obtidos em estudos que examinaram as reações dos ouvintes por meio de tarefas de percepção, combinadas com uma abordagem qualitativa, e aqueles que analisaram os julgamentos dos participantes apenas por meio de técnicas

⁴De acordo com Baronas e Cox (2019), a Linguística Folk (ou Linguística Popular, termo de uso mais recorrente no Brasil) designa os saberes espontaneamente construídos pelos mais diversos atores sociais que não estão necessariamente fundamentados em uma teoria científica da linguagem. A rigor, a Linguística Folk trata de conceitos populares sobre os fatos da linguagem realizados por falantes não linguistas.

elicitativas. McGowan e Babel (2019, p. 231) consideraram que a rivalidade entre os dados resultou não só de modelos metodológicos distintos, mas, sobretudo, dos diferentes vieses teóricos. Nesse sentido, buscando apresentar soluções para a questão levantada, os pesquisadores sugerem ampliar os estudos em torno da construção de uma modelagem teórica e metodológica que considerem níveis de percepção e diferentes sistemas cognitivos envolvidos na configuração da consciência.

Ainda sobre a questão metodológica, Schmid (2014, p.154), que considerou em seu estudo dificuldades semelhantes às mencionadas por McGowan e Babel, assevera que uma metodologia triangulada captura de forma mais apropriada os aspectos perceptivos (inconscientes) e atitudinais (conscientes) envolvidos nas avaliações que os falantes realizam em relação à(s) língua(s), possibilitando uma leitura mais abrangente dos resultados e seus significados.

Em que pesem os desafios referidos, os trabalhos sobre consciência sociolinguística são potentemente relevantes para diferentes âmbitos investigativos, sobretudo os que se circunscrevem às problemáticas que tratam da variação e mudança linguística, da constituição das identidades linguísticas e sociais e do desvelamento dos mecanismos que fundam o preconceito linguístico e erigem os estereótipos que marcam as identidades linguísticas.

No âmbito da educação, os estudos sobre consciência sociolinguística podem repercutir de forma bastante interessante ao revelar os significados sociais que os estudantes atribuem a determinadas variações da língua e como os conecta às línguas escolares (línguas de instrução, línguas da prática pedagógica, *massa* da matéria de estudo), tornando possível visualizar as limitações e deficiências das políticas linguísticas educacionais no que se refere ao ensino das línguas materna(s) e estrangeiras, bem como fatores relevantes sobre sucesso/fracasso escolar.

Tendo finalizado esta seção introdutória, na qual apresentamos o objetivo deste trabalho que foi o de revisar o conceito de consciência sociolinguística e apontar alguns dos principais desafios que se configuram em torno dessa conceituação, passamos a descrever como estruturamos as explanações deste artigo. Além da introdução, este trabalho está configurado em mais quatro seções, a saber: uma primeira seção na qual, por meio de referencial mais abrangente, descrevemos um panorama acerca do conceito de consciência sociolinguística; uma segunda na qual explicitamos a metodologia usada para selecionar os trabalhos para a revisão do conceito propriamente dita. Na terceira seção, resenhamos os artigos acadêmicos, evidenciando objetivos, questões teórico-metodológicas e discutimos alguns desses aspectos para melhor compreender de que forma suas acepções sobre o termo se

aproximam e/ou divergem. Por fim, nas considerações finais, quarta seção, buscamos responder às questões propostas na seção introdutória em relação à temática.

Consciência Sociolinguística: conceituação e reflexões

O conceito de consciência sociolinguística tem sido estudado por diferentes áreas como a Sociolinguística, a Antropologia Linguística, a Linguística Folk, a Dialetologia Perceptual, a Psicolinguística e a Sociofonética. No entanto, à medida que esses campos científicos dialogam, e combinam perspectivas teórico-metodológicas, novas suposições sobre o próprio conceito, sua função e relevância para decifrar de que forma o contexto social intervém em como as pessoas percebem e produzem a linguagem, acabam por reconfigurar metodologias e resultados.

A Sociolinguística⁵, a Antropologia Linguística e a Linguística Folk, cujos campos conceituais se inter-relacionam, abordam a consciência sociolinguística do ponto de vista do usuário da linguagem, buscando identificar e analisar os vínculos existentes entre as avaliações linguísticas e categorias sócio-políticas mais amplas. Segundo McGowan e Babel (2019, p. 234), os estudiosos dessas áreas tendem a usar como recursos metodológicos mais frequentes aqueles por meio dos quais os falantes podem discutir explicitamente opiniões e ideias sobre os aspectos linguísticos.

No campo da Linguística Folk, o conceito de consciência sociolinguística também é um potencial objeto de investigação, pois, a partir de sua abordagem, é possível desvelar os aspectos cognitivos, isto é, as crenças e ideias dos falantes que incidem na diferenciação social da linguagem e no curso da variação. (BIJVOET; FRAURUD, 2016, p. 23).

Nesse sentido, as pesquisadoras Bijvoet e Fraurud (2016, p. 23) tomam as crenças como objeto de análise para explorar a consciência sociolinguística. As autoras argumentam que as crenças apresentam uma estrutura subjacente que pode ser decomposta em três componentes-base: conhecimento linguístico, aspectos afetivos (sentimentos e atitudes que incidem nos julgamentos sobre os usos linguísticos de outros falantes) e aspectos cognitivos (as ideias e conhecimento popular sobre a língua). A abordagem da consciência sociolinguística, portanto, consiste em capturar as ideias e considerações dos falantes sobre as variações nos modos de falar próprios e de outros usuários da língua. No entanto, Bijvoet e

⁵A noção de consciência tem sido tópico de investigação nas diferentes abordagens dos estudos sociolinguísticos, sobretudo nas que se referem como primeira e terceira ondas da Sociolinguística. Contudo, quando os trabalhos da terceira onda investigam a associação entre aspectos sociais e os recursos linguísticos, estudiosos tecem duras críticas ao conceito de consciência e acabam por rejeitá-lo. Nesse sentido, faz-se necessário esclarecer que não há uma relação unívoca entre a noção de consciência nas diferentes abordagens da Sociolinguística.

Fraurud (2016, p. 23) apontam para a relevância de integrar o conceito de consciência sociolinguística ao das atitudes linguísticas que, na perspectiva teórica das autoras, referem-se aos sentimentos dos falantes sobre as línguas, isto é, a aspectos menos conscientes, a comportamentos mais reativos e, portanto, menos suscetíveis de serem monitorados e controlados. Dessa maneira, Bijvoet e Fraurud (2016, p. 23) argumentam que é possível usar a percepção como um tema de cobertura que possibilita uma análise mais abrangente das reações e avaliações⁶ dos falantes acerca da variação linguística.

Nos estudos sociolinguísticos, as atitudes linguísticas também se configuram como objeto de análise desde o qual é possível desvelar padrões de uma consciência sociolinguística. Nesse sentido, faz-se importante entender que o conceito de atitudes linguísticas, da mesma forma que a noção de consciência, varia de um viés a outro. Portanto, serão esses diferentes vieses sobre os quais se concebem as atitudes linguísticas que irão definir uma reciprocidade, ou não, entre atitude e consciência sociolinguística.

Dentre as perspectivas mais produtivas para definir atitudes linguísticas está a perspectiva mentalista a qual lhes confere uma qualidade sociopsicológica, isto é, uma estrutura cognitivo-afetiva que pode se configurar como reações/avaliações favoráveis ou desfavoráveis sobre o objeto linguístico (GÓMEZ MOLINA, 1987; SCHMID, 2014); uma forma de pensar e sentir a língua/linguagem que predis põem os falantes a reações (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 78 apud CORBARI, 2013, p. 61) ou um discurso metalinguístico interpelado por ideologias (PEARCE, 2015). A perspectiva mentalista corrobora, no nosso ponto de vista, o vínculo entre os conceitos de consciência sociolinguística e atitudes linguísticas. A estrutura tripartida das atitudes em aspectos cognitivos (crenças e saberes sobre as línguas), afetivos (juízos e sentimentos acerca da variação) e comportamentais (conduta ou usos efetivos da língua) ratifica a existência de uma reciprocidade dinâmica entre consciência e atitudes, à medida que, por meio dela, se pode desvelar as crenças e ideologias dos falantes (consciência sociolinguística).

O conceito de consciência sociolinguística também interessa à Antropologia Linguística. Os estudiosos da área tendem a enfocá-la por meio da metalinguagem, isto é, pela forma como as pessoas falam ou representam a língua; ou, ainda, pelas ideologias linguísticas, através das quais examinam as dimensões política, econômica e histórica que incidem sobre a língua (McGOWAN; BABEL, 2019, p. 234). Os estudiosos dessa área entendem que a

⁶Em consonância com Oushiro (2015), fazemos distinção conceitual entre os termos *reações* e *avaliações*. O primeiro empregamos para fazer referência a aspectos inconscientes ou menos conscientes presentes dos julgamentos linguísticos dos falantes, isto é, suas inferências. O segundo, usamos para referir as explicações, metacommentários acerca dos usos linguísticos próprios e de outros falantes.

metalinguagem está baseada em características cognitivo-semióticas e que, desse modo, a consciência sociolinguística é o resultado tanto da qualidade da linguagem interna, quanto de fatores interacionais e relacionais que tornam algum aspecto linguístico mais ou menos saliente (SILVERSTEIN, 1981 apud MCGOWAN; BABEL 2019, p. 234).

Pearce (2015, p. 2) considera a consciência sociolinguística como um fenômeno discursivo, em contraste com outras pesquisas que a tratam como uma condição mental que preexiste às narrativas metalinguísticas dos participantes. Para o investigador, as explicações das pessoas sobre os aspectos linguísticos configuram a consciência sociolinguística.

Em relação à conceituação da consciência sociolinguística, torna-se importante também examinar os processos e as definições em relação ao binômio percepção-consciência. Em McGowan e Babel (2019), a percepção é tratada como um termo abrangente que se apresenta em dois níveis de conhecimento: implícito e explícito. Segundo os autores, o nível implícito é pré-atencional, inconsciente, responsável pelas reações dos indivíduos diante de um fato da língua. Ele pode ser captado por medidas experimentais como as tarefas de percepção. Já o nível explícito da consciência é o processo atencional, por meio do qual os participantes refletem sobre os estímulos linguísticos, verbalizando-os, manipulando-os no jogo discursivo para atender às necessidades prementes da interação. Essa operação é mensurada por meio dos metacomentários dos participantes.

Em relação à tipologia binária da percepção, infere-se, portanto, que McGowan e Babel usam os níveis implícito e explícito como marcadores úteis para examinar as avaliações linguísticas dos participantes, em processos mais ou menos conscientes. No entanto, advertem os autores, estes ainda são muito amplos para capturar todas as nuances da consciência sociolinguística.

O estudo de Schmid (2014, p. 147-148) também explora as reações e avaliações linguísticas dos participantes, integrando estudos da percepção com os das atitudes linguísticas. A autora descreve a percepção como um mecanismo cognitivo que atua como um *filtro* por meio do qual os participantes extraem informações do ambiente sociolinguístico, retendo aquelas que podem vincular significativamente às diferentes memórias. Nesse sentido, a percepção é singularizada e individualizada pelas experiências étnicas, culturais, geográficas, econômicas e históricas das pessoas. Faz ponte entre dois mundos, o individual e o social, além de ser fundamental para que os indivíduos possam identificar-se com o seu grupo originário (endogrupo) e distinguir-se de outros grupos (exogrupos).

A relevância do conceito de consciência sociolinguística apela a novas pesquisas e estudos que considerem, além das problemáticas aqui levantadas, outras interlocuções do

conceito com distintos campos do conhecimento da linguagem. Temáticas como a mudança linguística, noção de língua-alvo em contextos bi/multilíngues⁷; ensino de línguas a partir de uma pedagogia plurilíngue e, sobretudo, estratégias de combate ao preconceito linguístico podem ser interpeladas significativamente pelo conceito de consciência sociolinguística.

Caminho Metodológico

Para realizar este trabalho, escolhemos como instrumento de pesquisa o levantamento e análise de artigos científicos, vinculados à temática das reações e avaliações linguísticas, com foco no viés da consciência sociolinguística. Usamos, como procedimento de busca, o site Google Acadêmico, inserindo os descritores *percepção*; *consciência sociolinguística*; além do binômio *consciência sociolinguística-attitudes linguísticas*. Dos resultados encontrados, tanto publicações nacionais quanto internacionais, selecionamos aqueles em que a consciência sociolinguística aparece como teoria de base ou descrevem situações pertencentes ao escopo do tema. Na tabela a seguir, apresentamos os nove (9) trabalhos selecionados, dispostos cronologicamente: primeiramente os publicados em contexto estrangeiro e, em segundo lugar, os publicados em contexto brasileiro. Por fim, optamos por uma descrição qualitativa dos trabalhos selecionados que considerou os seguintes aspectos: a discussão do conceito propriamente dita, bem como seus métodos, resultados e contribuições.

Quadro 1 - Artigos publicados em contexto estrangeiro

Contexto Estrangeiro	
Autor(es). Ano. País	Título
SCHMID (2014), Equador/Bélgica	Percepción y Actitud Lingüística: el castellano serrano en contraste con el español costeño en el Ecuador
PEARCE (2015), Reino Unido	Mam or mum? Sociolinguistic awareness and language-ideological debates online
BIJVOET; FAURUD (2016), Suécia	What's the target? A folk linguistic study of young Stockholmers' constructions of linguistic norm and variation
AYIOMAMITOU; YAKOUMETTI (2017), Grécia/Chipre	Skewed sociolinguistic awareness of a native non-standard dialect: evidence from the Cypriot Greek writing of Greek Cypriot student
McGOWAN; BABEL (2019), Bolívia/Estados Unidos	Perceiving isn't believed: divergence in levels of sociolinguistic awareness
EVANS; LOURIDO (2019), Reino Unido	Effects of language background of the development of sociolinguistic awareness: the

7 Neste estudo, com base nos trabalhos de Altenhofen (2013) e Broch (2014), referimo-nos a contextos bi/multilíngues como espaços institucionais e geográficos em que se observam a coexistência de duas (bilíngue) ou mais (multilíngues) línguas e linguagens.

	perception of accent variation in monolingual and multilingual 5–7-year-old children
--	--

Quadro 2 - Artigos publicados em contexto brasileiro

Contexto Brasileiro	
Autor(es), Ano, País	Título
FREITAG; SANTOS (2016), Brasil	Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe
FREITAG (2020), Brasil	Reparos em leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística
OUSHIRO (2021), Brasil	Avaliações e Percepções Linguísticas

Consciência Sociolinguística – publicações em contexto internacional e brasileiro

Nesta seção, resenhamos os artigos selecionados para este trabalho, bem como, ao final, fazemos algumas reflexões sobre alguns de seus aspectos, de forma a identificar e compreender a concepção de consciência sociolinguística em cada um dos trabalhos resenhados.

O primeiro trabalho do contexto internacional é o de Schmid (2014). Em seu estudo, a autora analisou, a percepção e as atitudes linguísticas de participantes de duas variedades do espanhol equatoriano, o serrano e o do litoral, para conhecer quais usos linguísticos são considerados definidores de identidade para os falantes de cada comunidade linguística.

Schmid define percepção como um mecanismo cognitivo que desempenha função semelhante à de um filtro por meio do qual os indivíduos capturam as informações do ambiente. De acordo com essa dinâmica, o *input* linguístico é selecionado e comparado tendo como base as informações armazenadas nos diferentes esquemas da memória, de modo que fiquem retidas as mais significativas. Nesse processo, as atitudes linguísticas resultam da percepção, isto é, das reações inconscientes dos falantes a determinadas informações linguísticas que, mais adiante, paulatinamente, convertem-se em avaliações explícitas (conscientes) sobre os usos da língua. No estudo de Schmid (2014), as atitudes linguísticas, analisadas sob a perspectiva mentalista, são consideradas como a capacidade dos falantes de avaliarem os modos de falar do outro e os próprios, a partir de determinadas características da língua. Dessa forma, é possível inferir dois níveis de consciência: explícito, configurado pelas atitudes, e implícito, no âmbito da percepção.

Em sua investigação, Schmid usou como metodologia um protocolo combinado em tarefa de percepção associada ao uso de escala de diferencial semântico⁸ e entrevista sociolinguística. Os resultados de seus estudos, a partir dos dados obtidos na tarefa e entrevista, revelaram que os participantes reconhecem determinadas características fonético-fonológicas, *yeísmo*⁹ e velocidade (rapidez *versus* lentidão) como aspectos altamente contrastivos entre suas variedades (serrana e litorânea), portanto definidores de suas identidades linguísticas.

O segundo trabalho selecionado em contexto estrangeiro é o de Pearce (2015) que conecta sua investigação ao âmbito dos estudos da Linguística Folk. No seu estudo, o autor aborda o conceito de consciência sociolinguística com um fenômeno discursivo, isto é, o discurso metalinguístico dos falantes sobre as variações da língua. Pearce não concebe a consciência sociolinguística como um estado mental preexistente, desse modo sua abordagem não trata de níveis de conhecimento. Em relação à sua metodologia de pesquisa, o autor examinou mensagens trocadas entre usuários de uma comunidade virtual na qual debatem o uso das variantes sociolinguísticas *mam* e *mum*, em que *mum* aparece como a variante que recebe conotações sociais negativas. Os resultados do estudo demonstraram que a consciência sociolinguística dos participantes é interpelada por crenças que vinculam às variantes a questões históricas da origem do inglês, bem como às ideologias puristas e prescritivistas acerca da língua.

Bijvoet e Fraurud (2016) estudaram as percepções e atitudes de jovens multilíngues e monolíngues sobre a variação no ambiente sociolinguístico de Estocolmo, comparando-as e examinando-as para entender o que os estudantes consideram um *bom* modelo de língua para conseguir notas boas e um bom emprego. Dessa forma, o estudo das pesquisadoras suecas traz à luz o debate sobre a heterogeneidade da língua-alvo (que denominam como língua em desenvolvimento), bem como evidencia a relevância do conceito de consciência sociolinguística para entender a correlação dos significados sociais aos fatos linguísticos em um contexto no qual o fluxo migratório é um fator relevante.

As autoras adotaram um protocolo metodológico diverso para averiguar a consciência e as atitudes linguísticas dos participantes, que envolveu a aplicação de tarefa *Matched Guise* associada à escala de diferencial semântico, além da realização de grupo focal e entrevistas. Os resultados do estudo de Bijvoet e Fraurud (2016) apontaram para uma divergência entre o

⁸ Teste em que se apresentam adjetivos bipolares: (feio-bonito; forte-fraco – ou a graduações desses adjetivos - + agradável/- agradável).

⁹ Uma forma de pronunciar *ll* (em espanhol) e *lh* (no português) como *y* (fricativa, palatal, sonora).

que estudantes dizem ouvir e as explicações acerca do que acreditam ter ouvido, revelando as repercussões das informações sociais na forma como categorizam os próprios modos de falar e os de outros falantes.

Já Ayiomamitou e Yakoumetti (2017) propuseram-se a explorar a consciência sociolinguística de alunos falantes de grego cipriota que experienciam uma educação bidialetal na qual o grego moderno padrão é a língua de instrução oficial. Os autores consideram a consciência sociolinguística como um conhecimento operacionalizado em níveis mais ou menos conscientes: percepção (refere-se às inferências que podem ser ou não conscientes) e avaliação metalinguística (consciente e manipulada pelo falante). Na sua investigação, Ayiomamitou e Yakoumetti usaram como recurso metodológico uma tarefa de produção escrita para a qual os participantes foram instruídos a escrever em grego cipriota, a variedade não padrão. O procedimento foi realizado no espaço escolar e as instruções foram dadas pelos colaboradores na variedade familiar dos alunos.

Os resultados do estudo demonstraram que os estudantes apresentaram uma consciência sociolinguística distorcida sobre sua variedade familiar, já que suas produções revelaram textos obsoletos, com marcas que não estão mais em uso na fala grego cipriota. Para os autores, a distorção de consciência sociolinguística, que levou às crianças a produzirem textos arcaicos, podem indicar, entre outros fatores, falhas na política linguística educacional que, mesmo que se apresente bidialetal, ainda pode negligenciar a difusão da variedade regional não padrão.

O estudo de McGowan e Babel (2019) teve como objetivo investigar a influência das informações sociais em dois níveis de percepção sociolinguística de falantes bilíngues de espanhol e de quéchua. Os autores combinaram a tarefa *Matched Guise* com uma entrevista de acompanhamento para examinar as respostas dadas à tarefa de percepção. Os resultados apontaram para uma divergência entre os dados gerados no experimento e os obtidos nas entrevistas, assinalando, portanto, uma incongruência entre as reações de natureza mais afetiva e as avaliações reflexivas dos participantes.

McGowan e Babel (2019) consideraram que as reações e as avaliações podem ser categorizadas em dois níveis: um implícito, mais automático e sem reflexividade, medido no momento em que se dá a percepção; outro explícito, vinculado à consciência, com uma característica discursiva; medido em situações *cara a cara*, por meio de entrevistas e discursos metalinguísticos.

O último estudo inserido no contexto estrangeiro é o de Evans e Lourido (2019). O interesse das autoras nesse trabalho foi entender como se dá aquisição da consciência

sociolinguística por crianças monolíngues e bilíngues. Para tanto, estipularam como objetivo examinar como essas crianças extraem padrões de variação na fala para categorizar sotaques de falantes do lar (família); sotaques de falantes de variedades regionais desconhecidas e de falantes estrangeiros desconhecidos. No seu estudo, Evans e Lourido (2019) tiveram como participantes 65 crianças, entre 4 a 7 anos. Como recurso metodológico usaram a tarefa *Matched Guise*, por meio da qual os participantes foram orientados a categorizar 12 estímulos de falas em três categorias: familiar/lar; variedade regional desconhecida e sotaque estrangeiro.

As autoras partiram da hipótese de que crianças mais expostas às variações linguísticas conseguem identificar categorias graduadas entre o padrão familiar e um padrão desconhecido na sua comunidade.

Em seu estudo, Evans e Lourido (2019) apresentam o conceito de consciência sociolinguística como parte do conhecimento linguístico que se refere ao vínculo dos significados sociais aos aspectos linguísticos. Estas, assim como as informações linguísticas, são agrupadas e codificadas simultaneamente nas diferentes memórias e possibilitam aos falantes desenvolverem uma sensibilidade para as propriedades estatísticas do uso de diferentes variáveis, bem como construir uma *biblioteca mental* de traços linguísticos.

Os resultados do estudo de Evan e Lourido (2019) demonstraram que as crianças bilíngues foram capazes de categorizar os falantes nas três categorias de sotaques mencionadas. Em contraste, as crianças monolíngues só categorizaram falantes nas condições polarizadas, ou seja, sotaque casa vs. sotaque estrangeiro, em que os acentos foram maximizados. Dessa forma, as investigadoras ratificaram a hipótese inicial do trabalho e concluíram que uma experiência precoce com a fala, em um ambiente de diversidade linguística, afeta a capacidade das crianças para usarem a variação em uma tarefa de categorização explícita.

No Brasil, são recentes os trabalhos que trazem o conceito de consciência sociolinguística como uma teoria de base para o desenvolvimento de pesquisas. Selecionamos três estudos, Freitag e Santos (2016); Freitag (2020) e Oushiro (2021), os quais passamos a descrever.

Em Freitag e Santos (2016), o foco do estudo foi entender as avaliações subjetivas dos participantes quando correlacionam fatores sociais e estilísticos aos usos da língua. Nesse sentido, as autoras buscaram desvelar os componentes cognitivos e ideológicos presentes nas atitudes linguísticas de estudantes universitários sergipanos em relação à variação das oclusivas [t, d] vs. africadas [tʃ] e [dʒ]. Tendo em vista a opção por uma concepção das

atitudes linguísticas em que se as considera sob o domínio da percepção, e cuja estrutura composta por elementos cognitivos, afetivos e comportamentais, podem ser desvelados e medidos, Freitag e Santos (2016) decidiram pelo teste de percepção *Verbal Guise*¹⁰, associado à entrevista e à escala de diferencial semântico para apreender e analisar os julgamentos dos participantes.

A tarefa de percepção foi usada para mensurar os aspectos afetivos das atitudes em relação à variação das oclusivas [t, d] vs. africadas [tʃ] e [dʒ]; as crenças que incidem sobre essa variação foram tomadas por meio de entrevistas, já que Freitag e Santos consideram o questionário como uma ferramenta que propicia a elicitación desse componente.

Os resultados do estudo de Freitag e Santos (2016) revelaram que a forma não-palatalizada sofre estigma social em contraposição à forma palatalizada que é mais valorizada e prestigiada. Diante disso, os pesquisadores apontaram para a necessidade de que mais estudos sejam realizados, tendo como temáticas a influência das atitudes linguísticas nos processos de constituição da identidade pela linguagem, bem como a correlação das crenças e ideologias na forma como se percebem e avaliam os usos da língua.

O segundo trabalho inserido no contexto das produções acadêmicas brasileiras é o de Freitag (2020). Nesse trabalho, a pesquisadora examina a consciência sociolinguística dos participantes a partir dos reparos que fazem na leitura em voz alta em uma tarefa organizada para aferir níveis de consciência sociolinguística. Freitag defende que os erros de produção como pausas, gaguejos, lapsos de língua, entre outros, revelam pistas sobre os custos de processamento linguístico, já que informam onde o participante detém-se para pensar. Nessa situação, segundo a estudiosa, é possível aferir a consciência sociolinguística dos participantes porque, ao substituírem uma variante por outra, é possível identificar as avaliações (inferências) que orientaram a substituição.

Em relação à consciência sociolinguística, Freitag a apresenta como um tipo de conhecimento explícito que resulta das experiências agregadas das pessoas para identificar os diferentes aspectos linguísticos e compreender o quanto são socialmente significativas. Segundo a autora, a consciência abarca três níveis: percepção, reconhecimento e compreensão. Em cada um dos níveis se evidencia um efeito gradiente que pode ser mais ou menos implícito vs. explícito acerca do conhecimento sobre a variante linguística. Portanto,

10 A *Verbal Guise* é uma tarefa de percepção que mede as atitudes inconscientes, ou o nível implícito da consciência, mediante a audição de estímulos provenientes de diferentes falantes. Diferentemente, do *test matched guise* em que um único falante realiza as diferentes variantes sob a ideia de disfarces.

para Freitag (2020), a consciência sociolinguística está imbricada na construção do conhecimento sobre a variação.

O estudo dos reparos da variação em leitura em voz alta realizado por Freitag apontou a existência de contextos sensíveis ao processamento linguístico, isto é, padrões de comportamento diferenciado em relação aos cinco processos fonológicos variáveis controlados na sua pesquisa

Finalizamos esta seção, cujo objetivo foi o de analisar os trabalhos selecionados para entender como seus autores concebem o conceito de consciência sociolinguística, com o artigo recente de Oushiro (2021) sobre a relevância das pesquisas sobre avaliações e percepções sociolinguísticas. Nele, a pesquisadora, além de discutir a relevância do tema, descreve algumas abordagens metodológicas pertinentes a esse campo de estudo. Dentre as muitas contribuições derivadas dos estudos sobre avaliações e percepções, a autora destaca a que propicia a compreensão dos mecanismos envolvidos na configuração do preconceito linguístico. Segundo Oushiro, ao desvelarem certos significados sociais que se associam às variantes ou variedades, esses trabalhos tornam possível pensar e planejar estratégias de combate ao preconceito linguístico e de fomento à diversidade linguística.

Oushiro trata, ainda, no artigo, de questões como a heterogeneidade e variabilidade das percepções; a influência das experiências linguísticas dos participantes sobre as suas percepções e ratifica a reflexão de Eckert (2012) de que a língua não é só reflexo das categorias sociais, mas também construtora dessas categorias.

Uma contribuição importante do trabalho de Oushiro é a seção sobre as metodologias e os conceitos centrais para as pesquisas sobre avaliações e percepções. Nela, a autora considera algumas das principais dificuldades encontradas nos estudos de percepção e avaliação, como a de lidar com *subjetividades* e a de determinar quais informações dos participantes serão recolhidas ou medidas. Aponta critérios relevantes para a organização metodológica que implica na escolha de técnicas e procedimentos que sejam replicáveis em outros estudos; que abarquem diversos participantes e cujos resultados possam ser quantificáveis. Oushiro, ainda, apresenta, de forma detalhada, algumas tarefas e técnicas usadas para abordar as percepções e as avaliações dos participantes, considerando a abordagem e a concepção com que se aciona o termo consciência sociolinguística.

Ao finalizarmos esta seção, parece-nos importante fazer algumas considerações a respeito dos trabalhos apresentados. A primeira delas refere-se à variabilidade de perspectivas e acepções às quais pode ser vinculado o conceito de consciência sociolinguística. Nesse sentido, foi possível vê-lo integrado a duas grandes perspectivas, uma mentalista e outra de

natureza discursiva. Na perspectiva mentalista, a percepção é um tema de cobertura para explorar os níveis implícito e explícito da consciência (McGOWAN; BABEL, 2019, BIJVOET; FRAURUD, 2016, FREITAG; SANTOS, 2016, SCHMID, 2014). Diferentemente, na perspectiva discursiva ou da metalinguagem, a consciência sociolinguística tem sido abordada como discurso metalinguístico e não como um estado sociopsicológico dos falantes. Desse modo, importa capturar nos metacomentários os conceitos dos usuários da língua (não especialistas) sobre a língua e quais ideologias e crenças são compartilhadas por meio deles (PEARCE, 2015). Obviamente, as diferentes perspectivas configuram abordagens metodológicas concernentes às suas acepções e aos seus interesses teóricos. Os estudos que usaram a percepção como um tema de cobertura para explorar a consciência sociolinguística combinaram abordagens experimentais e qualitativas, de modo a gerar dados que incluíam as reações de nível implícito dos participantes, como pode ser evidenciado, por exemplo, na investigação de Bijvoet e Fraurud (2016) e na de McGowan e Babel (2019). Na abordagem de Pearce (2015), em que a acepção de consciência sociolinguística é tomada como um fenômeno discursivo, observa-se uma metodologia com base na análise do discurso.

Os protocolos metodológicos dos estudos experimentais (dos estudos na perspectiva da percepção) apontaram divergências entre as informações obtidas por meio das tarefas de percepção (nível implícito) e as oriundas de técnicas elicitativas, como as entrevistas sociolinguísticas (nível explícito), o que resultou em uma questão investigativa interessante: os participantes percebem a diferença linguística durante os testes, no entanto, não identificam como foi dito. Parece-nos ser esse o elemento mais intrigante, e, por consequência, o mais relevante entre os resultados apresentados, pois pode-se inferir, a partir da *discrepância* entre os dados, as ideologias e as crenças que movem as atitudes conscientes dos participantes sobre as formas da língua, outros falantes e identidades.

Por fim, a partir da análise desses estudos, podemos concluir que há uma potência do conceito de consciência sociolinguística para as diferentes ciências da linguagem, bem como sobre a necessidade de aprofundar discussões em torno das questões teórico-metodológicas.

Considerações Finais

Para as considerações finais deste trabalho, retornamos à seção introdutória deste artigo para responder às duas questões que orientaram a revisão do conceito de consciência sociolinguística.

A primeira questão levantada tratou de identificar e entender como o conceito de consciência sociolinguística é concebido pelos diferentes campos científicos, dentre eles a Sociolinguística, a Antropologia Linguística, a Psicolinguística e a Linguística Folk.

Como já referido, conclui-se sobre a variabilidade do conceito nessas diferentes áreas, entretanto, a partir da análise dos artigos que selecionamos, foi possível alocar a noção de consciência sociolinguística em duas grandes perspectivas, o da percepção e o da metalinguagem. Ainda assim, categorizada em uma mesma perspectiva, observamos matizes que diferenciam a definição do termo entre um estudo e outro. Em McGowan e Babel (2019), por exemplo, os pesquisadores usam o termo percepção para operacionalizar os níveis de consciência como conhecimento implícito e explícito. Desse modo, nesse trabalho, o nível explícito da percepção sociolinguística (a consciência) corresponde à capacidade dos falantes de explanarem, discursarem sobre os usos linguísticos. Incluído na mesma perspectiva, o estudo de Schmid (2014) vincula a consciência sociolinguística às atitudes linguísticas, de modo que são estas o nível de conhecimento explícito, verbalizado em comentários favoráveis ou desfavoráveis acerca dos aspectos da língua. Nesse sentido, é possível inferir que a concepção de consciência sociolinguística atende aos interesses e objetivos teórico-metodológicos próprios das diferentes áreas da Linguística e que, tal fato, corrobora a ausência de um consenso em relação ao conceito.

Nossa segunda questão indagou se os conceitos de consciência sociolinguística e percepção são sinônimos ou processos cognitivamente diferentes. Nossa reflexão anterior, sobre como é agenciada a aceção do termo consciência sociolinguística nas diferentes disciplinas da Linguística, interpela esse questionamento. Como já mencionado nesta seção, a percepção é tratada como um termo de cobertura que permite analisar a consciência sociolinguística dos participantes de forma mais abrangente, tomando em consideração como as inferências (menos conscientes) sobre determinados usos linguísticos intervêm nas avaliações (conscientes) e decisões dos falantes acerca da língua.

Nesse sentido, infere-se que percepção e consciência são processos cognitivamente diferenciados, entretanto, altamente imbricados e interdependentes, já que, por meio deles, é possível desvelar os aspectos afetivos (inconscientes) e cognitivos (conscientes) envolvidos nas avaliações linguísticas dos falantes. No estudo de McGowan e Babel (2019), como já observado, quando a percepção sociolinguística diz respeito ao nível explícito de conhecimento dos usuários da língua, os termos consciência e percepção são considerados como sinônimos. Importante destacar que na perspectiva discursiva, a noção de

consciência/percepção não é operacionalizada, como pode ser evidenciado no trabalho de Pearce (2015).

Um aspecto relevante diz respeito aos resultados obtidos por meio de medidas experimentais e técnicas qualitativas que revelaram divergência entre as informações perceptuais e os metacomentários, sugerindo, como bem consideram McGowan e Babel (2019), o envolvimento de no mínimo dois níveis de processamento a atuarem na percepção e racionalização das informações linguísticas. As discrepâncias entre os dados, no entanto, podem ser consideradas positivas à medida que ampliam a análise da consciência sociolinguística, dirimindo os possíveis efeitos da presença do pesquisador em interação direta com o participante.

Por fim, os estudos sobre percepção e avaliação, especialmente sobre o conceito de consciência sociolinguística, ainda que venham ganhando força na atualidade, são bem menos realizados quando comparados com os da produção. Assim sendo, é muito importante que se aprofundem estudos em torno dessa problemática.

Referências

- ALTENHOFEN, C. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K.; TÍLIO, R.; ROCHA, C. (orgs.) **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 93 – 111.
- AYIOMAMITOU, I; YIAKOUMETTI, A. Skewed Sociolinguistic Awareness of a Native Non-standard Dialect: Evidence from the Cypriot Greek Writing of Greek Cypriot Students. **Psychol**, Oxford, v. 8, p. 1-10, 2017.
- BIJVOET, E.; FRAURUD, K. What's the target? A folk linguistic study of young Stockholmers' constructions of linguistic norm and variation. **Language Awareness**, v. 25, nº 1 e 2, p. 17 -39, 2016.
- BROCH, I. **Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares**. 2014. 265 f. Tese (Doutorado em Letras) -Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- CORBARI, C.C. **Atitudes Linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e de Santo Antônio do Sudoeste**. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- EVANS, B.; LOURIDO, G. Effects of Language Background on the Development of Sociolinguistic Awareness: The Perception of Accent Variation in Monolingual and Multilingual 5- to 7-Year-Old Children. **Phonetica**, Leeds, nº 76, v 1-2, p. 142-162, 2019.
- FREITAG, R. M.K. Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 36, p. 1-22, 2020.

FREITAG, R. K.; SANTOS, A.O.; "Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe", In: **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**, São Paulo: Blücher, 2016. p. 109 -122.

GÓMEZ MOLINA, J.R. Actitudes lingüísticas en una comunidad bilíngüe y multidialectal: área metropolitana de Valencia. Anejo nº XXVIII de la **Revista Cuadernos de Filología**. Valencia, Universitat de Valencia, p. 11-175, 1998.

MCGOWAN, K.; BABEL, A. Perceiving isn't believing: Divergence in levels of sociolinguistic awareness. **Language in Society**, Cambridge, v.49. p. 231-256, 2019.

OUSHIRO, L. O que se diz e como se fala: relações entre o discurso metalingüístico e a variação lingüística. **Signo y Señá**, Buenos Aires, nº 28. p. 139-167, 2015.

OUSHIRO, L. Avaliações e percepções sociolinguísticas. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 50, n. 1, p. 318–336, 2021.

PEARCE, M. *Mam or mum?* Sociolinguistic Awareness and Language-ideologica Debates Online. **Sociolinguistic Studies**, Sunderland, nº 9, v. 1, p. 115-135. 2015.

SCHMID, D. Percepción y actitud lingüística: el castellano serrano en contraste con el castellano costeño en el Ecuador. **E-Crit**, Besançon, nº 6, p. 145-157, 2014.

Sobre os autores

Andrea Ualt (Orcid ID: <https://orcid.org/1000-003-4448-3617>)

Graduada em Letras, Habilitação em Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola, pela Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Professora da Educação Básica, Técnica e Tecnológica, EBTT, do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Sul-rio-grandense, na área de Cultura Linguística e Literária. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, UFPel, na linha de *Aquisição, Variação e Ensino*, tendo como orientadora a Prof.^a Dra. Isabella Mozzillo e como coorientador o Prof. Dr. Bernardo Limberger. Membro dos Grupos de pesquisa, vinculados ao CNPq *Línguas em Contato* e Laboratório de Psicolinguística, Línguas Minoritárias e Multilinguismo (LAPLIMM).

Isabella Mozzillo (Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8445-9174>)

Graduada em Letras - Licenciatura em Português-Francês pela Universidade Federal de Pelotas (1988), em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (1989). Mestre em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (1996). Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2002). Realizou estágio pós-doutoral em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2018). É Professora Titular do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas. Líder do Grupo de pesquisa do CNPq *Línguas em Contato*, com interesses voltados para bilinguismo, contato lingüístico, ensino e aprendizagem de francês, bem como para a formação e o desenvolvimento do profissional de língua estrangeira.

Bernardo Limberger (Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5504-2361>)

Professor de graduação e pós-graduação em Letras na Universidade Federal de Pelotas, onde atua com a linha de pesquisa Aquisição, variação e ensino. Doutor em Letras/Linguística pela PUCRS (bolsa CNPq), com pesquisa realizada no Instituto do Cérebro (InsCer) e estágio de doutorado (modalidade: sanduíche, bolsa Capes/DAAD) na Albert-Ludwigs-Universität Freiburg (Alemanha). Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado (bolsa Humboldt) na Universidade Técnica de Dortmund (Alemanha). Atua principalmente com Psicolinguística, Linguística Aplicada e Dialetoлогия em interface com Psicologia e Neurociência. É líder do grupo de pesquisa Laboratório de Psicolinguística, línguas minoritárias e multilinguismo (LAPLIMM), vinculado ao CNPq. Seus principais interesses são: bilinguismo e multilinguismo, ensino, aprendizagem e processamento de línguas minoritárias e adicionais, alemão como língua estrangeira (DaF), políticas linguísticas e leitura.

Recebido em junho de 2022.

Aprovado em setembro de 2022.